

# Centros buscam doadores de plasma para pesquisa em GO

Estudo do Hemocentro inicia coleta na próxima segunda-feira (22). Trabalho com anticorpos em laboratório particular fez aplicações em 30 infectados por coronavírus

Mariana Carneiro  
mariana.carneiro@opopular.com.br

Goiás desenvolve duas pesquisas sobre o uso do plasma - parte do sangue - em pacientes acometidos pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2). A terapia consiste na transfusão da substância de uma pessoa curada para um infectado (veja quadro). Neste tratamento, a expectativa é que os anticorpos presentes no plasma de quem já superou a Covid-19 forneçam imunidade para quem está doente. Os dois trabalhos, que estão em fases distintas, têm objetivos específicos diferentes. Até o momento, 30 foram tratados com método. Na próxima segunda-feira (22), o Hemocentro de Goiás irá começar a coletar plasma de pessoas recuperadas e, para isso, está em busca de 100 doadores.

A técnica é estudada em várias partes do mundo e especialistas alertam que ainda não é considerada a cura para a doença. Outro ponto de atenção é que a necessidade da mesma deve ser avaliada por um médico.

O projeto de pesquisa do Hemocentro, que contará com a participação de 12 profissionais, é aprovado pela Comissão Nacional de Ética e Pesquisa (Conep) e contará com a participação de cem pessoas.

O pneumologista Marcelo Rabahi, coordenador de Ensino e Pesquisa do Instituto de Desenvolvimento Tecnológico e Humano (Idtech), organização social responsável pela administração do Hemocentro, afirma que o estudo será feito em duas etapas. A primeira irá analisar o plasma das coletas. "Vamos ver

o nível de anticorpos que tem em cada uma delas."

Diretora médica da Hemorede Pública de Goiás, Alexandra Vilela Gonçalves conta que os esforços do Hemocentro são para produzir um trabalho científico de qualidade que possa auxiliar a população. "A doação é voluntária e para que o trabalho dê certo e possamos avançar no tratamento de pacientes com a Covid-19 em Goiás, precisamos do apoio e adesão da população. Somente deste modo vamos atingir as cem coletas o mais rápido possível."

Na segunda etapa da pesquisa do Hemocentro, dois grupos de pessoas infectadas com a Covid-19 na mesma gravidade serão montados. O plasma vai ser injetado em um deles, enquanto o outro será tratado sem esta terapia. "Assim será possível dimensionar o quanto o uso do plasma faz diferença. Dessa maneira, com embasamento científico, veremos os efeitos do uso dos anticorpos", aponta o pneumologista Marcelo Rabahi.

Na fase, o material será oferecido para pacientes graves internados no Hospital das Clínicas, da Universidade Federal de Goiás (HC-UFG), na Maternidade Municipal Célia Câmara (H-MMCC) e no Hospital Estadual

Dr. Alberto Rassi (HGG).

Rabahi afirma que o trabalho é importante, pois ajuda a avaliar a situação da população local. "Assim não precisamos adaptar outros estudos para serem usados aqui. Desta forma, teremos mais segurança na hora de aplicarmos possíveis tratamentos com o plasma", esclarece.

Até o momento, 30 pacientes receberam o plasma de pessoas recuperadas da Covid-19 em Goiás. Estes estão ou foram internados em unidades de saúde atendidas pelo Hemolabor. O número de doadores foi de 23. O trabalho integra uma pesquisa de âmbito nacional, coordenada pela Associação Brasileira de Hematologia, Hemoterapia e Terapia Celular (ABHH). "O uso é experimental, mas recebemos um feedback muito bom dos médicos que estão tratando os pacientes com ele (o plasma)", aponta o hematologista e coordenador da Hemoterapia do Hemolabor, Luis Henrique Gabriel.

Para que as duas pesquisas avancem, é fundamental a participação de pessoas que se recuperaram da doença (veja critérios no quadro). Gabriel esclarece que as doações não deixam os voluntários sem anticorpos para combater a Covid-19. "O corpo cria uma 'memória'. Dessa forma, por mais que essa pessoa doe o plasma cheio de anticorpos, o corpo dela tem capacidade para produzir mais dos mesmos anticorpos e matar o vírus antes que ele se estabeleça no corpo", explica.

Para colaborar com os estudos basta entrar em contato pelos telefones (62) 3201-4101 (Hemocentro) ou (62) 3605-6600 (Hemolabor). Os atendimentos são agendados.



Bolsas de plasma sanguíneo em banco de sangue, no Setor Aeroporto

## Pacientes respondem bem a tratamento experimental

Dois casos de pacientes que se infectaram com o novo coronavírus (Sars-CoV-2) e responderam bem ao tratamento com o plasma, associado a outras terapias são o pró-reitor de pós-graduação da Universidade Federal de Goiás (UFG), professor Laerte Guimarães Ferreira Júnior e o cirurgião cardiovascular Aleksander Dobrianskyj. O pró-reitor da UFG ainda está internado, mas chegou a usar uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Dobrianskyj passou mais de 60 dias em uma UTI, mas já foi curado.

O hematologista e coordenador da Hemoterapia do Hemolabor, Luis Henrique Gabriel, relata que a demanda de plasma por parte dos hospitais tem aumentado cada dia mais. "Nesta quinta-feira (18), por exemplo, tivemos nove solicitações, mas tivemos só duas doações. Juntando tudo o que tínhamos conseguimos atender apenas quatro pacientes. Por isso, pedimos que as pessoas doem, pois isso pode salvar vidas", esclarece Gabriel.

A médica infectologista Christiane Kobal explica que na rede particular o plasma começou a ser ministrado em pacientes no início de abril e ressalta que ainda não é possível avaliar qual o nível de eficácia dele no tratamento.

"Ele é ministrado junto com outras intervenções em prol da saúde do paciente. Por isso, ainda não temos como afirmar qual o grau de benefícios que ele traz", esclarece.

O uso do plasma convalescente para o tratamento de doenças infecciosas não é novidade e já foi usado contra outras doenças como o H1N1 e o Ebola.

"Tivemos resultados interessantes na época do Ebola e por isso o mundo todo decidiu tentar de novo agora. É preciso ressaltar que mesmo sendo um tratamento experimental e não tendo eficácia totalmente comprovada, ele é seguro. Não faz nenhum mal para quem vai recebê-lo", explica a infectologista. A infectologista enfatiza ainda que a doação de plasma também é segura. "Temos poucas doações e precisamos de mais. Não está sendo fácil conseguir o plasma", frisa.

Entretanto, Kobal ressalta que o uso do plasma convalescente não é a cura para a Covid-19. "Ele é uma entre outras estratégias que temos para tentar combater os sintomas e reflexos da doença. Na prática, vamos dar anticorpos da doença para um paciente que está grave e ainda não possui esse mecanismo de defesa. Isso, em tese, vai ajudá-lo a se recuperar do quadro inflamatório grave", aponta.



# 100

é o número de doadores necessários para a pesquisa com o plasma desenvolvida pelo Hemocentro

## Como funciona

Entenda como é o procedimento de coleta de plasma para o tratamento de pacientes com o novo coronavírus (Sars-CoV-2)



Após agendamento, paciente recuperado da Covid-19 vai até local de doação



Sangue do doador passa por uma máquina que separa o plasma dos demais compostos (plaquetas, leucócitos e hemácias). Os outros compostos voltam para a corrente sanguínea e o plasma é retirado



O plasma pode ser congelado ou levado diretamente para uma unidade de saúde



Plasma é ministrado no paciente com a Covid-19. A indicação é para pessoas que estejam com dificuldade respiratória e/ou quadro infeccioso grave



Paciente completa tratamento e, caso se encaixe nas especificidades, pode virar um doador de plasma

## QUEM PODE DOAR?

Apesar de algumas exigências serem parecidas com as de sangue, doação de plasma traz particularidades

- Idade entre 18 e 60 anos
- Peso igual ou acima de 65 quilos

- No caso de doadores do sexo feminino, é necessário que não tenham gestações prévias

- Ter sido diagnosticado (a) com a Covid-19 pelo exame RT-PCR
- Estar sem sintomas há mais de 14 dias

Fonte: Hemolabor e Hemocentro